



Choque de Cultura e Dificuldades de Adaptação de Imigrantes Brasileiros no País da Bolívia: Uma Pesquisa de Campo com Base em Relatos e Vivências de uma Família Brasileira

Culture Shock and Adaptation Difficulties of Brazilian Immigrants in Bolivia: A Field Study Based on the Reports and Experiences of a Brazilian Family

Raquel Lourenço Correia

Graduada em Psicologia, Psicóloga Escolar e Educacional, Psicóloga Clínica, Analista do Comportamento Aplicada (ABA), Terapeuta Cognitiva Comportamental

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar o fenômeno do choque de cultura e as dificuldades de adaptação enfrentadas por imigrantes brasileiros no Estado Plurinacional da Bolívia, a partir de uma pesquisa de campo fundamentada nos relatos de vivências de uma família brasileira residente no país. A investigação adota abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, utilizando como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas e registros narrativos das experiências vividas no processo migratório. Os resultados evidenciam que as principais dificuldades de adaptação estiveram relacionadas às diferenças culturais, linguísticas e alimentares, bem como às práticas sociais e sanitárias distintas daquelas vivenciadas no Brasil. Observou-se impacto significativo no âmbito emocional, especialmente no que tange aos sentimentos de estranhamento, isolamento, insegurança e saudade do país de origem. Ademais, aspectos relacionados às condições de infraestrutura, hábitos cotidianos e concepções socioculturais influenciaram diretamente no processo de ajustamento da família ao novo contexto. Conclui-se que o choque cultural constitui um fator relevante no processo de imigração, podendo gerar repercussões psicológicas, sociais e comportamentais. Destaca-se a importância de políticas de acolhimento, suporte psicossocial e preparação intercultural para minimizar os impactos negativos da adaptação e favorecer a integração dos imigrantes no país de destino.

Palavras-chave: choque cultural; imigração; adaptação intercultural; brasileiros na Bolívia; pesquisa qualitativa.

Abstract: The present study aims to analyze the phenomenon of cultural shock and the adaptation difficulties faced by Brazilian immigrants in the Plurinational State of Bolivia, based on field research grounded in the accounts of experiences of a Brazilian family residing in the country. The research adopts a qualitative approach, of a descriptive-exploratory nature, using semi-structured interviews and narrative records of lived experiences in the migration process as data collection instruments. The results show that the main adaptation difficulties were related to cultural, linguistic, and dietary differences, as well as social and health practices different from those experienced in Brazil. A significant impact on the emotional sphere was observed, especially regarding feelings of strangeness, isolation, insecurity, and longing for the country of origin. Additionally, aspects related to infrastructure conditions, daily

habits, and sociocultural conceptions directly influenced the family's adjustment process to the new context. It is concluded that cultural shock constitutes a relevant factor in the immigration process, potentially generating psychological, social, and behavioral repercussions. The importance of welcoming policies, psychosocial support, and intercultural preparation is highlighted to minimize the negative impacts of adaptation and promote the integration of immigrants in the destination country.

Keywords: cultural shock; immigration; intercultural adaptation; Brazilians in Bolivia; qualitative research.

INTRODUÇÃO

Uma criança e um adolescente muita das vezes ficam horas e horas fora de casa brincando na rua de jogar bola, esconde-esconde, pega-pega, andando de bicicleta e apesar de esquecer que os minutos e as horas se passam e quando anoitece sabe que é o momento de voltar para casa, sendo sua casa como o local onde você descansa, realiza suas refeições, toma o seu banho e realiza o processo de higiene.

Quando uma pessoa sai de sua casa, do meio de sua família, os amigos, a esposa muita das vezes e os filhos, sua cidade, estado, pátria e conseqüentemente seu país em busca de conseguir atingir determinadas metas e objetivos, porém, em prol de coisas melhores. Muitos passam dias e horas dentro de ônibus até chegar ao seu destino, outros passam horas e horas de carro, ônibus e voos até chegar ao seu tão esperado objetivo.

O que muda quando se está em outro país e distante dos seus é de que quando você sai na rua não são os mesmos rostos que você cumprimentava com bom-dia, agora o idioma é diferente; *Buenos días*, o sol é ainda maior do que no Brasil, para lavar roupa tem que tirar água de um poço, pois a água que sai da torneira possui ferrugem e só consegue utilizá-la apenas para tomar banho nem para cozinhar ela tem utilidade.

O hino nacional agora é diferente o que se vê no horizonte é poeira, pessoas sem capacete andando de moto e adolescentes dirigindo moto, o idioma é diferente mas quando eles conversam entre eles é tudo muito enrolado e confuso, a vontade é de sair correndo pegar o barquinho que pegou para atravessar o Rio Madeira que separa Brasil e Bolívia e voltar para o verdadeiro lar.

Esta pesquisa de campo tem como objetivo e foco trazer a realidade de três famílias brasileiras, na qual uma família morou durante 6 meses na cidade de Riberalta Bolívia, a segunda família morou durante 9 meses e a terceira e última família esteve na mesma cidade e país durante 12 anos, e nos trará a realidade de estrangeiros em outro país, mostrando as dificuldades de adaptações, fatores positivos de acordo com cada percepção e visão e história dessas respectivas famílias.

CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

A região andina boliviana fazia parte de um império conhecido chamado de Império Inca, sendo então o maior império da era pré-colombiana. O império espanhol invadiu e conquistou essa região dentro do século XVI. Durante a maior parte do período colonial Espanhol, este território era chamado Alto Peru ou Charcas e encontrava-se sob a administração do Vice-Reino do Peru, que abrangia a maioria das colônias espanholas sul-americanas. Após declarar independência em 1809, dezesseis anos de guerras se seguiram antes do estabelecimento da república, instituída por Simón Bolívar, em 6 de agosto de 1825. Desde então, o país tem passado por períodos de instabilidade política, ditaduras e problemas econômicos.

A Bolívia é uma república democrática, dividida em nove departamentos. Geograficamente, possui duas regiões distintas, o altiplano a oeste e as planícies do leste, cuja parte norte pertence à bacia Amazônica e a parte sul à Bacia do Rio da Prata, da qual faz parte o Chaco boliviano. É um país em desenvolvimento, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio e uma taxa de pobreza que atinge cerca de 60% da população. Dentre suas principais atividades econômicas, destacam-se a agricultura, silvicultura, pesca, mineração, e bens de produção como tecidos, vestimentas, metais refinados e petróleo refinado. A Bolívia é muito rica em minerais, especialmente em estanho.

A população boliviana, estimada em 10 milhões de habitantes, é multiétnica, possuindo ameríndios, mestiços, europeus, asiáticos e africanos. A principal língua falada é o espanhol, embora o aimará e o quíchua também sejam comuns. Além delas, outras 34 línguas indígenas são oficiais. O grande número de diferentes culturas na Bolívia contribuiu para uma grande diversidade em áreas como a arte, culinária, literatura e música.

Quando a pauta do assunto é referente a economia boliviana ela está baseada nas indústrias de petróleo e de gás, na mineração, na agropecuária e numa indústria que poderia estar mais desenvolvida e diversificada. É uma economia que explora seus recursos e os exporta. Historicamente a Bolívia dependeu da exportação de zinco, estanho, gás natural e soja. Bolívia é um dos países mais pobres da América do Sul, com uma economia baseada na agricultura e exploração de gás natural.

A produção mineral aparece localizada principalmente na porção ocidental do país, na Cordilheira dos Andes ou próxima a ela. Estão indicados os locais de mineração que produzem antimônio, bismuto, cobre, ouro, chumbo, prata, volfrâmio e estanho, os principais produtos minerais da Bolívia. O boliviano é a moeda oficial da Bolívia desde 1986, quando substituiu o peso boliviano através da Lei nº. 901, de 28 de novembro de 1986. As notas são de 5, 10, 20, 50, 100 e 200, enquanto as moedas são de 1 e 2 bolivianos e de 5, 10, 20 e 50 centavos.

Porém, a cidade em questão que tem como enfoque principal da pesquisa é a cidade de Riberalta. Para chegar até esse local é necessário chegar até Rondônia cidade de Guajará Mirim onde faz divisa com Guayara Mirim Bolívia, mas o meio de passagem entre essa separação de culturas e língua é através da famosa flota que

são barcos simples onde transportam não só as pessoas e malas, mas é o meio pelo qual se transporta comida da fronteira do Brasil para a Bolívia, e na maioria das vezes até esses mantimentos serem distribuídos chega ao ponto de apodrecer antes mesmo de chegar as mercearias da Bolívia. O caminho que é percorrido até Riberalta é de 5 a 6 horas de carro e quase 8 horas de bus que é para nos brasileiros o famoso ônibus.

Riberalta é uma cidade considerada uma das mais pobres do país da Bolívia, sendo até mesma considerada cruz vermelha em relação a saúde precária, higienização dentre outras doenças infecciosas. Considera-se uma cidade parada no tempo comparada a outras cidades da Bolívia como Santa Cruz de La Sierra, Cochabamba, La Paz, Sucre, Uyuni,

Potosí, Copacabana, Oruro, Coroico, Tarija. Tais cidades citadas acima possuem maior índice até mesmo de turistas, onde está o Titicaca como o lago navegável mais alto do mundo, o maior deserto de sal está localizado na Bolívia, La Paz capital é a capital mais alta do mundo, possui mais de 30 línguas variáveis dentre outros aspectos.

Para muitos apesar dos aspectos culturais serem admiráveis frente às línguas e beleza natural destoa a partir do momento em que você não é um turista dentro daquele local, você não ficará nessa cidade por alguns dias, mais de fato passará seu dia-a-dia e cotidiano dentro desse local onde você verá não só a beleza de uma nova cultura mais se deparará com as dificuldades de adaptação, verá pessoas passando fome e morrendo de fome, verá o verdadeiro caos ao adentrar em um hospital, verá mulheres saindo do hospital após darem a luz segurando uma sacola de plástico com sua placenta para enterrar no quintal de casa, essa é a dura realidade de imigrantes que enfrentaram alguns meses outros anos dentro do país da Bolívia.

PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Foram realizadas ligações com os participantes da pesquisa de campo para agendar a entrevista e para coletar os relatos de cada membro da família. A entrevista foi realizada na casa das três famílias devido ao vínculo de confiança entre os entrevistados e a pesquisadora responsável da pesquisa de campo e por critério também dos participantes de ser na casa de cada um, foi entregue um termo de confidencialidade frente a suas identidades sendo uma pesquisa anônima, sendo utilizado outros respectivos nomes ou siglas em prol de manter em sigilo suas identidades, tendo autorização também para publicação de tal pesquisa. Foi possível estabelecer um relacionamento espontâneo, comprometedor e verdadeiro durante o processo da entrevista, tornando possível o aprofundamento das informações obtidas.

A utilização das entrevistas é relevante por provocar ricas contribuições dos sujeitos conforme afirma Pádua (1997, p.64-65): a entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca obter informes

contidos na fala dos atores. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

A realização das entrevistas contou com a aplicação de um formulário semiestruturado, com perguntas abertas e abrangentes. Teve a finalidade de obter o máximo de informações ligadas ao objeto de estudo. Para Barros & Lehfeld (2000, p.90), “o formulário é um instrumento mais usado para o levantamento de informações. Não está restrito a uma determinada quantidade de questões e pode possuir perguntas fechadas e abertas e ainda a combinação dos dois tipos”. Observação como uma das técnicas de coleta de dados imprescindível em toda pesquisa científica.

Na pesquisa de campo, as técnicas e métodos de coleta de dados exigem atenção especial do pesquisador enquanto observador e anotações de campo, com o diário de campo (Triviños, 1987, p.154) que foi utilizado pela pesquisadora, pois por meio do telefone obteve informações dos sujeitos, do universo pesquisado e do trabalho desenvolvido pelos sujeitos.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A partir da coleta de dados, buscou-se analisar e interpretar as informações. O procedimento metodológico utilizado na interpretação dos depoimentos baseou-se na análise de conteúdo, que, segundo Bardin (1977, p. 42), é: Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O Quadro abaixo define o perfil dos sujeitos da pesquisa.

A presente pesquisa de campo foi realizada com ex imigrantes brasileiros no país da Bolívia, sendo os participantes organizados em três grupos distintos, conforme a composição familiar:

1º Grupo: um casal de idosos;

2º Grupo: um casal com dois filhos;

3º Grupo: um casal com uma filha.

A divisão em grupos teve como objetivo analisar as diferentes vivências migratórias, considerando as particularidades geracionais e as configurações familiares, possibilitando uma compreensão mais ampla acerca dos impactos sociais, culturais e emocionais do processo de imigração e retorno ao Brasil. Se trata de uma família de nove componentes na qual moraram juntos no país da Bolívia, todos são brasileiros e do estado de São Paulo.

Quadro 1 - Com os dados do questionário estruturado.

1º Sentiu alguma dificuldade frente à adaptação da cidade e país onde morou?
2º Sentiu dificuldades em aprender o idioma?
3º Foi bem recebido ou acolhido?
4º Sofreu algum tipo de preconceito por ser brasileiro?
5º Já tentaram te roubar na troca de dinheiro para o valor do país em questão?
6º Já te pediram dinheiro como suborno para conseguir algo que precisava no país?
7º Pensa em retornar para a Bolívia?
8º Sentiu dificuldades frente a nova culinária e alimentos?
9º Se arrependeu de ter saído do Brasil para morar na Bolívia?
10º Era um país que possuía higiene referente aos alimentos?
11º Teve dificuldades em relação a diferença da higiene pessoal do Brasil e Bolívia?

Fonte: autoria própria.

Tabela 1 - Vale ressaltar que um dos filhos do grupo 2 da pesquisa era pequeno e não se recorda de tais processos pois já nasceu em solo Boliviano.

Número da pergunta	SIM	NÃO
1	8	0
2	8	0
3	8	0
4	8	0
5	5	3
6	8	0
7	2	6
8	3	5
9	8	0
10	0	8
11	8	0

Fonte: autoria própria.

Gráfico 1 - Cor azul: teve como resposta sim sobre as perguntas do questionário. Cor laranja: respondeu que não referente as perguntas do questionário.



Fonte: autoria própria.

RELATOS DOS PARTICIPANTES

Relato dos Filhos dos Casais que Participaram

Um dos filhos do casal número 2 não se recorda das seguintes questões que foram pontuadas por sua família devido a ser muito pequeno na qual não obtém tantas memórias, pois morou durante um curto período de tempo no país da Bolívia e já cresceu em solo estrangeiro.

1º Entrevistado – Filho Número 1 do Casal do Grupo 2

“Eu era muito pequeno quando morei na Bolívia. No início, a principal dificuldade foi o idioma. Com o tempo, passei a ter dificuldades para compreender as tarefas escolares, e minha mãe não conseguia me explicar as matérias, pois eram diferentes daquelas que ela havia aprendido no Brasil.”

Foi difícil a minha adaptação porque eu não entendia a língua e nem as atividades escolares, eu não entendia as matérias e não gostava dos professores, pois eles batiam na minha mão com uma régua grande de madeira”. Eu senti também a diferença das matérias, foi bem difícil. “Eu tive problemas de bactéria na pele e, muitas vezes, viroses, devido ao calor intenso do local. Se eu ainda estivesse lá, acredito que teria aproveitado mais os momentos com meus pais.

Ver os professores batendo nos alunos era assustador. Também era muito doloroso ver meus amigos irem à igreja sem terem almoçado, observá-los brincando enquanto aguardavam o momento da refeição para poder comer e, muitas vezes, guardar parte da comida para levar aos seus pais. Era algo que partia o coração.

Eu gostava dos desfiles militares nas ruas e das peças realizadas na igreja. Lia bastante no meu quarto. Carrego um trauma de uma queda de bicicleta que sofreu na Bolívia; demorei muito tempo para voltar a andar de bicicleta após o ocorrido.

Apesar das dificuldades, os passeios em família eram incríveis e permanecem como lembranças marcantes desse período.”

Sem dúvidas na escola para mim não foi bom pois era muito difícil. Na escola eu tinha amigos, e eles me chamavam para as festas de aniversários, o famoso *cumpleaños*, que aconteciam com frequência. O que eu mais gostava na escola era a hora do intervalo e o que eu menos gostava das aulas eram as próprias aulas.

Eu amava quando era o dia de atravessar a fronteira e ir ao Brasil para passear e principalmente comer comida brasileira. Aos fins de semana assistíamos novelas com a minha avó e dormíamos na cama da minha mãe, e nesse tempo meu pai assistia futebol com meu avô.

2º Entrevistado – Filha do Casal do Grupo 3

“Minha adaptação foi difícil, pois eles viviam de maneira muito rígida, com práticas antigas, como bater com régua na mão. O que eu mais gostava na escola era o intervalo e a hora de voltar para casa; eu contava as horas para poder ir embora e brincar.

Até hoje eu confundo o idioma e, às vezes, escrevo algumas palavras de forma incorreta. Chega a ser engraçado, porque lembro de determinadas palavras em espanhol, mas não recordo a tradução para o português.

O que eu menos gostava era copiar muitas atividades, realizar provas orais e fazer trabalhos manuais, como costura e marcenaria, além da aula de inglês. Nas aulas de Educação Física, precisávamos dar voltas no quarteirão, e quem demorasse mais para retornar ficava sem beber água. Eu tinha uma melhor amiga o nome dela era Crucita e jogávamos bolas naquela terra que era a quadra e o futebol me ajudou a não enlouquecer eu mal esperava o dia da educação física segunda e quinta ou em espanhol martes *Lunes* – segunda-feira e *Jueves*- quinta-feira.

Eu sempre era castigada por não saber as matérias. Eu e meu primo apanhávamos, fosse com régua de madeira ou de plástico. O que mais me doía era ver meu primo apanhando e não poder fazer nada, mesmo sendo a prima mais velha, por não conseguir protegê-lo.

Sem dúvidas, foi uma experiência difícil, na qual aprendi a valorizar as coisas que eu tinha, como minhas bonecas e minha família. O trauma foi tão intenso que meu vitiligo havia desaparecido da pele e, após retornar ao Brasil, voltou a se manifestar. Também tive uma infecção na pele e fiquei com manchas na perna, pois brincava com meu primo em um canal por onde passava esgoto. Com toda certeza, eu nunca mais fui a mesma desde 2009 até hoje.”

RELATO DO CASAL DE IDOSOS

“Eu e minha esposa permanecemos 12 anos na Bolívia. Inicialmente, saí de Araçatuba e me mudei para Pauliceia; posteriormente, fomos para a cidade de Cochabamba, onde permanecemos por um mês, período marcado por muito sofrimento. No início, foi bastante complicado, pois não conhecíamos o idioma e, durante alguns meses, nos alimentávamos basicamente de sopa de osso, que era o que tínhamos disponível.

Durante esse período, contraí malária quatro vezes e cheguei a sentir que a morte estava diante de mim. Foi uma experiência muito difícil, mas também um aprendizado que guardo para a vida toda e que compartilho com meus filhos e netos sempre que estamos reunidos.

Vivenciamos de perto a pobreza e a miséria. Presenciei pessoas valorizando coisas simples, como um par de calçados. Vi pessoas morrerem de fome e serem veladas sobre a mesma mesa onde realizavam suas refeições. A cidade de Riberalta, onde morávamos, era extremamente carente, especialmente na área da saúde, contando com apoio da Cruz Vermelha e de médicos cubanos que auxiliavam nos atendimentos.

Ao todo, permanecemos 11 anos naquela região. A cultura, a alimentação e o idioma foram os aspectos mais difíceis de enfrentar, e levamos cerca de dois anos para nos adaptar. Apesar das dificuldades socioeconômicas, eram pessoas alegres, porém marcadas pela pobreza e pela falta de recursos. Havia altos índices de prostituição e envolvimento com drogas. Muitas pessoas sobreviviam da pesca e da caça; quando conseguiam alimento, comiam, e quando não conseguiam, passavam necessidade.”

“Fui para a Bolívia quando tinha apenas 40 anos de idade. Para mim, foi uma experiência muito positiva. Aprendi muitas coisas, principalmente a valorizar os poucos alimentos disponíveis e a compreender as necessidades enfrentadas pela população local. Presenciei pessoas se alimentando de banana amassada com leite, algo que me marcou bastante.

Sinto saudades de lá. A cultura era algo de que eu gostava muito, e muitas coisas eram mais baratas. Inclusive, ainda guardo roupas típicas do país. Eu gostava de 'bailar', ou seja, dançar, pois é um povo muito alegre e feliz, mesmo diante de tanta pobreza.

Tivemos o auxílio de um guia durante um mês, o que facilitou nossa adaptação inicial e reduziu as dificuldades com o idioma. A alimentação é o que mais sinto falta até hoje. Experimentei alimentos que nunca imaginei provar, como anta, macaco e cobra; sem dúvida, a carne de cobra foi a que mais me surpreendeu positivamente.

Na área da saúde, havia auxílio de profissionais e organizações estrangeiras, especialmente suecos e cubanos, sendo que a Suécia contribuía significativamente. A escola em que meus netos estudavam também recebia patrocínio sueco; pagávamos mensalidade. Entretanto, a região apresentava problemas sociais, como violência e prostituição.

Quanto ao custo de vida, alguns alimentos eram mais acessíveis, como banana-da-terra (plátano), queijo e “pollo” (frango). Trata-se de um povo muito amável e carinhoso. Tudo se transforma em festa; apesar das carências materiais, são pessoas compassivas, que se entregam de corpo e alma, e dançam como ninguém.”

RELATO DO CASAL DO GRUPO 2

“No início, minhas maiores dificuldades foram em relação à alimentação, à escrita e à cultura local. Contraí febre tifoide devido ao consumo de água retirada de poço. Gostaria de ter aprendido a fazer o suco de moco-chinchi, que eles preparavam como ninguém.

Alguns hábitos culturais me causaram estranhamento, como presenciar pessoas urinando na rua e a precariedade das condições de higiene. Os velórios também me impactaram: os falecidos eram colocados sobre a mesma mesa utilizada para as refeições, sem qualquer higienização prévia.

Apesar das dificuldades, eu adorava ir à praça com meu filho. Na Bolívia, não havia muitas oportunidades de trabalho; muitos homens iam para a mata trabalhar na coleta de castanha e permaneciam longos períodos por lá. Um amigo meu faleceu após uma árvore cair sobre ele enquanto dormia na mata, o que foi um acontecimento muito marcante.

Meus pais já moravam lá há algum tempo, e eu decidi ir também para ajudá-los e auxiliar as pessoas da comunidade. Éramos uma família de missionários, e o pouco que tínhamos dividíamos uns com os outros.”

“Fui para a Bolívia com meu esposo e nosso filho mais velho. Nos primeiros meses, enfrentei diversos problemas de saúde. Tive sarna nas pernas, possivelmente em razão das ruas de terra seca, além de piolho. Precisei tomar um medicamento chamado ivermectina. Também contraí dengue, apresentando sintomas como febre alta, dor de cabeça e dores nas articulações. No primeiro mês de adaptação, era comum apresentar episódios frequentes de diarreia até que o organismo se acostumasse.

Uma das coisas de que eu mais gostava era da alimentação. Eles fazem um frango frito como ninguém, e eu gostaria muito de aprender a prepará-lo. Em muitas regiões, a subsistência ocorre por meio da pesca e da caça, e eu presenciava a captura de animais como tartarugas, macacos, entre outros.

Também me marcou a forma como ocorriam os velórios: em algumas situações, os falecidos eram colocados sobre a mesa da própria casa e havia banda tocando marchinhas, em um clima que, para mim, lembrava o carnaval.

Eu adorava ir à praça com meu filho, conviver com meus amigos da igreja, participar dos passeios e comer empanadas, que eram deliciosas.

Foi um período de muito aprendizado; entretanto, atualmente eu não retornaria, pois não há tratamento adequado para o meu filho autista.”

RELATO DO CASAL DO GRUPO 3

No ano de 2009, tomei uma das decisões mais difíceis da minha vida: vender todos os meus móveis, doar meus pertences aos amigos e deixar meu país para viver na Bolívia. No início, a ideia de ir embora me assustava. Confesso que senti medo. Era o desconhecido. Era recomeçar do zero. Mas, mesmo com receio, eu arrisquei — e fui.

Ao chegar lá, me deparei com uma realidade completamente diferente da que eu conhecia. Logo na entrada do país, vivi uma situação marcante e dolorosa: sofri uma tentativa de suborno para que minha filha pudesse entrar na Bolívia. Mesmo com a certidão de nascimento, não queriam permitir sua entrada. Pediram 100 bolivianos — cerca de 50 reais — para que ela pudesse adentrar no país. Foi um momento de indignação e vulnerabilidade.

Entre tantas experiências vividas, uma das mais marcantes foi conhecer um homem que estava com câncer no testículo, em estado avançado. Ele estava apodrecendo em vida. Sua esposa o havia abandonado, e seus filhos também estavam desamparados. Quando cheguei à casa dele, as crianças correram em minha direção, puxaram minha calça e disseram que estavam com fome. Aquela cena atravessou minha alma.

Mesmo tendo pouco, dividindo o que eu ganhava para sustentar minha família e minha filha pequena, encontrei forças para ajudar. Comprei alimentos e contribuí com as medicações que aquele homem precisava. Depois daquele dia, eu nunca mais fui o mesmo. Algo dentro de mim mudou para sempre.

Apesar dos desafios, eu me encantei pela Bolívia. Pela culinária, pelo povo de coração gigante, pela cultura tão rica, pelo idioma. Cheguei a aprender e falar uma língua nativa — o quéchua. Muitas vezes me confundiam com boliviano, por eu ser moreno, de cabelo liso. Minha história carrega a miscigenação: tenho raízes indígenas por parte de minha avó e negras por parte de meu avô.

A Bolívia me transformou. Me ensinou sobre dor, desigualdade, generosidade e humanidade. Foi um tempo difícil, mas também profundamente marcante — um período que permanece vivo em mim.

Quando me mudei para a Bolívia, no ano de 2009, eu tinha apenas 28 anos. Fomos eu, meu esposo e minha filha. Foi uma experiência incrível e profundamente marcante. Encontrei um povo carente, sofrido, mas extremamente amoroso — um país muito necessitado, porém com um coração imenso. Os olhos das pessoas brilhavam quando nos viam. Era como se suas almas pedissem socorro, ajuda, amparo. Foram momentos muito difíceis para mim, mas ajudei conforme minhas forças permitiam: com dinheiro, com abraços, com sorrisos. Fiz o que pude por cada um. Muitas vezes desejei ter tido condições de fazer ainda mais.

O povo boliviano é incrível. Eles têm um coração gigante. Quando cheguei, estranhei bastante. Havia uma festa, todos dançando como é de costume, falando em seu idioma. No início, eu não falava espanhol apenas pouquíssimas palavras. Mas, com muito carinho, os amigos que me cercaram foram, aos poucos, me ensinando o que eu podia e o que não podia falar.

Em relação à minha família, foi um período difícil. Minha filha era muito pequenina, e a mudança repercutiu muito na saúde dela, tanto física quanto emocional. Quando eu ia ao Brasil, trazia docinhos para ela pipoca, Fandangos, bala Sete Belo tudo o que ela gostava, para que pudesse sentir um pedacinho do nosso Brasil.

Senti muita falta da minha pátria. Saudade das coisas simples, como ouvir o Hino Nacional Brasileiro: “Terra adorada, idolatrada...”. Algo muito lindo que me chamou atenção na Bolívia foi a reverência e o respeito que o povo tem por sua pátria. Em todas as casas havia a bandeira do país hasteada, mesmo nas casinhas simples, feitas de barro, com telhados de folha de coqueiro. Não eram casas luxuosas, mas ali estava a bandeira, demonstrando honra e respeito à nação.

Bolívia, que saudade eu tenho de você. Na cultura gastronômica, eu me deliciava com os *pollos fritos* e papa. “*Me gustava mucho el refresco de tamarindo... era muy rico*”, como eles diziam.

Assim que cheguei, minha primeira refeição foi arroz com pimenta, feito com tripa de porco e arroz já amanhecido. Todos olhavam para mim e perguntavam se estava gostoso. Eu respondia que sim. Enfim, foi uma experiência difícil, porque eu não estava em meu país. Mas fomos muito bem recebidos — eu, meu esposo e minha filha — com amor e carinho.

Que saudade tenho de ti. Quando chegou a hora de partir, eu chorava — já sentindo saudades antes mesmo de ir embora. Mas eu precisei voltar, e pensei, especialmente, na minha filha, que ainda era tão pequena. Levo comigo, guardado no coração, aquele povo de coração gigante. Pessoas simples, mas cheias de amor, que nos acolheram com tanto carinho. Se algum dia eu puder voltar, eu voltaria. Voltaria para rever cada amigo e cada amiga que deixei, para abraçar novamente aqueles que fizeram parte da minha história. Bolívia, minha Bolívia, você está guardada eternamente em meu coração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o choque cultural e as dificuldades de adaptação enfrentadas por imigrantes brasileiros no Estado Plurinacional da Bolívia, a partir do relato de vivências de uma família brasileira. Com base nos dados coletados em campo, foi possível identificar que o processo migratório ultrapassa questões geográficas e econômicas, envolvendo, sobretudo, dimensões emocionais, sociais, culturais e sanitárias que impactam diretamente a qualidade de vida dos sujeitos envolvidos.

Os resultados evidenciam que as principais dificuldades estiveram relacionadas às diferenças na alimentação, nos hábitos de higiene, na organização social, nos costumes funerários, na língua e nas práticas cotidianas. Tais aspectos geraram estranhamento inicial, sentimento de insegurança e, em alguns momentos, adoecimento físico e sofrimento psíquico, característicos do fenômeno denominado choque cultural. Observou-se que a ausência de preparo prévio para a imersão

cultural intensificou as dificuldades enfrentadas pela família, especialmente no que diz respeito às condições sanitárias e às diferenças de valores e normas sociais.

Entretanto, a pesquisa também revelou que, com o passar do tempo, houve desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, ressignificação das experiências e construção de vínculos afetivos com a comunidade local. A convivência com o povo boliviano foi descrita como marcada por acolhimento, solidariedade e afetividade, o que contribuiu para uma adaptação progressiva, ainda que permeada por desafios. Dessa forma, o estudo demonstra que o processo de adaptação cultural é dinâmico, não linear e profundamente influenciado pelas redes de apoio, pela abertura intercultural e pela capacidade de flexibilização dos indivíduos.

Conclui-se que o choque cultural constitui uma etapa significativa no processo migratório, podendo gerar impactos físicos e emocionais relevantes, mas também oportunidades de crescimento pessoal, ampliação de repertório cultural e fortalecimento da identidade. Recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o número de participantes, a fim de aprofundar a compreensão sobre a imigração brasileira na Bolívia, bem como que políticas públicas e ações institucionais considerem a necessidade de suporte informativo, psicológico e social aos imigrantes, favorecendo processos de adaptação mais saudáveis e humanizados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

JOSÉ FILHO, Pe. M.; DALBÉRIO, O. (org.). **Pesquisa: contornos no processo educativo**. Franca: UNESP – FHDSS, 2006. p. 63–75.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.